



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA

MARIA EDUARDA NASCIMENTO DA SILVA

“A MULHER NO SÉCULO XX”: PLÍNIO SALGADO E A IDEALIZAÇÃO FEMININA
NA AÇÃO INTEGRALISTA BRASILEIRA

RECIFE
2024

MARIA EDUARDA NASCIMENTO DA SILVA

“A MULHER NO SÉCULO XX”: PLÍNIO SALGADO E A IDEALIZAÇÃO FEMININA
NA AÇÃO INTEGRALISTA BRASILEIRA

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Departamento de História, da Universidade Federal Rural de Pernambuco – UFRPE, como requisito para obtenção do título de Graduação em Licenciatura Plena em História.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Giselda Brito Silva.

RECIFE
2024

MARIA EDUARDA NASCIMENTO DA SILVA

“A MULHER NO SÉCULO XX”: PLÍNIO SALGADO E A IDEALIZAÇÃO FEMININA
NA AÇÃO INTEGRALISTA BRASILEIRA

Trabalho de conclusão de curso
apresentado ao Departamento de História,
da Universidade Federal Rural de
Pernambuco – UFRPE, como requisito para
obtenção do título de Graduação em
Licenciatura Plena em História.

Recife, 28 de Fevereiro de 2024.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Giselda Brito Silva
Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE)

Profa. Me. Élcia de Torres Bandeira
Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE)

Prof. Me. Helisangela Maria de Andrade
Secretaria de Educação de Pernambuco

S586" Silva, Maria Eduarda Nascimento da.
"A Mulher no Século XX": Plínio Salgado e a Idealização Feminina na
Ação Integralista Brasileira / Maria Eduarda Nascimento da Silva. - 2024.
55 f. : il.
Orientadora: Giselda Brito Silva.
Inclui referências.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal
Rural de Pernambuco, Licenciatura em História, Recife, 2024.

1. Mulheres. 2. Ação Integralista Brasileira. 3. Século XX. 4. Plínio
Salgado. 5. Blusas-verdes. I. Silva, Giselda Brito, orient. II. Título.

CDD 909

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus, pela vida, pelo amor e pela oportunidade de poder realizar o sonho (que compartilho com minha família) de ingressar, estudar e, posteriormente, me formar em uma universidade pública.

Aos meus pais, Benjamim Manoel e Rosineide Maria, por todo esforço em mim investido desde a minha infância e pelo cuidado ao esperar minha chegada após um dia inteiro na Universidade. Espero conseguir, um dia, recompensá-los por tudo isso.

À minha irmã, Júlia Nicole, por ser uma amiga leal, um ouvido atento e um ombro amigo todos os dias.

Aos meus amigos, João Vitor Otávio, Juliana Rosa, Robert Silva e Luanna Stephanny, minha primeira amiga na UFRPE, que nos deixou precocemente. Obrigada por me acompanharem durante essa longa jornada e por me proporcionar tantas risadas, mesmo em meio à momentos de ansiedade e medos.

Ao amor que essa Universidade me apresentou. José Felix, obrigada por ser o meu parceiro e melhor amigo em todas as horas, por me dar suporte e pela paciência nos momentos de nervosismo no processo de escrita deste trabalho.

À professora Doutora Giselda Brito Silva, que me guiou na escrita da minha monografia, por toda a paciência, ensinamentos, correções e disponibilidade que me ofereceu.

RESUMO

Este trabalho historiográfico busca entender a visão do Chefe Integralista Plínio Salgado sobre a questão da mulher dentro do contexto da AIB a partir da obra “A Mulher no Século XX” (publicada em 1949) levando em consideração o papel feminino na sociedade da década de 1930, marcado pela ideia de mulher como mãe e esposa, sob a lente metodológica da Análise do Discurso. Ainda, buscaremos comparar a idealização feita na obra de 1949 com a presença feminina no documento fundador do movimento (Manifesto de Outubro de 1932) e a atuação das mulheres na Ação Integralista Brasileira a partir da análise jornalística do Jornal A Offensiva. Esperamos, a partir dessa pesquisa, confirmar a influência da Igreja e dos ideais conservadores, tanto nos preceitos aos quais Plínio Salgado utiliza como base quando funda o Movimento Integralista Brasileiro, quanto na própria atuação das mulheres integralistas, também conhecidas como blusas-verdes ou plinianas.

Palavras-chaves: Mulheres; Ação Integralista Brasileira; Século XX; Plínio Salgado; Blusas-verdes;

ABSTRACT

This historiographical work searches to understand the vision of the Integralist leader Plínio Salgado on the issue of women within the context of AIB based on the book “A Mulher no Século XX” (published in 1949) taking into account the female role in society in the 1930s, marked by the idea of women as mothers and wives, under the methodology of Discourse Analysis. Furthermore, we will seek to compare the idealization made in the 1949 book with the female presence in the founding document of the movement (Manifesto de Outubro de 1932) and the role of women in the Brazilian Integralist Action based on the journalistic analysis of the newspaper A Offensiva. We hope, from this research, to confirm the influence of the Catholic and conservative ideals, both in the precepts that Plínio Salgado uses as a basis when founding the Brazilian Integralist Movement, and in the actions of integralist women, also known as green blouses or “plinianas”.

Keywords: Women; Brazilian Integralist Action; 20th century; Plínio Salgado; Green blouses;

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Figura da seção “O Menu de Meu Marido” (p. 21).

Figura 2: Casamento Integralista (p. 23).

Figura 3: Batizado Integralista (p. 24).

Figura 4: Enterro Integralista. (p. 24).

Figura 5: Folha Anexa ao Manifesto de Outubro (p. 27).

Figura 6: Plinianas em visita ao lactário (p. 36).

Figura 7: Divulgação do início das aulas da Escola de Enfermagem da AIB (p. 37).

Figura 8: Escola de alfabetização sob responsabilidade do Departamento Feminino (p. 38).

Figura 9: Texto desenvolvido pela blusa-verde Maria Augusto Fanzeres para o Jornal A Offensiva (p. 40).

Figura 10: Conferência de Maria Eugenia Celso, organizada pelo Curso Preparatório de Serviços Sociaes (p. 41).

Figura 11: Congresso Nacional Feminino da Ação Integralista Brasileira (p. 42).

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
1. PLÍNIO SALGADO E A SUA VISÃO DA MULHER NO SÉCULO XX.....	13
2. O LUGAR DA MULHER NO MANIFESTO DE OUTUBRO DE 1932.....	26
3. A ATUAÇÃO FEMININA NA AÇÃO INTEGRALISTA A PARTIR DO JORNAL A OFFENSIVA:.....	32
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	45
REFERÊNCIAS.....	48

INTRODUÇÃO

A Ação Integralista Brasileira (AIB) surge em um contexto de conflitos entre a esquerda e a direita por uma solução para a crise da social-democracia no período de governo de Getúlio Vargas conhecido como Era Vargas, período da História do Brasil que durou de 1930 a 1945. Enquanto a Ação Integralista Brasileira aparecia como movimento à direita, a Aliança Nacional Libertadora (ANL) surgiu como alternativa à esquerda. Por ser um movimento de caráter conservador, o Integralismo ganhou o apoio de intelectuais católicos e de estudantes e professores das Faculdades de Direito, Medicina, Engenharia e outras, que auxiliaram a fomentar as discussões sobre o Manifesto de Outubro de 1932 (Silva, 2022, p. 630).

Dessa maneira, entendemos a AIB como um movimento político-ideológico de caráter fascista dos anos 1930 que defendia o lema “Deus, Pátria e Família”, combatendo os ideais comunistas e liberalistas, sendo apresentado à sociedade brasileira pelo “*Manifesto de Outubro de 1932*”. Como movimento de caráter conservador defendeu, portanto, os valores tradicionais e o lugar da mulher como mãe, esposa e doméstica, podendo apenas ser aceita em algumas poucas atividades, conforme determinação do Chefe Nacional (Silva, 2022, p. 631). No ano de 1934, no entanto, é apresentado o documento Manifesto-Programa, que converte o movimento integralista em partido político.

A partir disso, os Integralistas procuram estabelecer diretrizes para a atuação do partido, que possuíam caráter totalmente burocrático e com eventos bem ritualizados. Os direitos, os deveres, os departamentos e as secretarias foram determinados, bem como o calendário de atividades e os eventos públicos e privados que visavam o crescimento do Integralismo. Por ser um movimento político, social e cultural de “posição tradicionalista” e “em defesa [...] do cristianismo sob a religião católica” (Silva, 2022 p. 631), o lugar da mulher também estava bem delineado.

Assim sendo este trabalho busca a compreensão do ideal feminino defendido por Plínio Salgado, Chefe Nacional Integralista, a partir do livro “A Mulher no século XX”, publicado no ano de 1949 pela Editorial Guanumby. Nossa problemática central diz respeito à análise dos aspectos do pensamento

tradicionalista de Plínio Salgado acerca do papel das mulheres, construído nos anos 1930, através da análise da obra “A Mulher no Século XX”. Partindo da metodologia da análise do discurso, nosso trabalho se baseará nas noções trabalhadas por Michel Pêcheux em “Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio”. Ainda sob essa perspectiva, examinaremos o documento fundamental do Movimento Integralista Brasileiro, o Manifesto de Outubro de 1932, para entender qual o papel feminino estabelecido por Salgado dentro da AIB. Ademais, procuraremos explicitar como se deu concretamente a atuação feminina na AIB a partir de fragmentos do jornal integralista A Offensiva, a partir da ótica da Análise Jornalística, mostrando a relação entre o discurso de Salgado e as atividades desenvolvidas pela Secretaria de Arregimentação Feminina durante a década de 1930.

Visualizamos que estas são questões importantes para a discussão das relações de gênero, considerando que a ideia de uma mulher inferior ao homem colabora para os discursos machistas e para a violência que hoje atinge um elevado número de mulheres, questionadas também em suas funções profissionais e culpabilizadas pelos assédios. Na obra “As mulheres ou os silêncios da história”, Michelle Perrot (2005, p. 9) afirma que para as mulheres “o silêncio é reiterado através dos séculos pelas religiões, pelos sistemas políticos e pelos manuais de comportamento”.

Esse silêncio imposto se observa não apenas na fala, mas também na escrita, inclusive na escrita da História, principalmente em relação à presença feminina no âmbito político da História. Por muito tempo os debates sobre relações de gênero foram negligenciados, deixando uma lacuna na historiografia. De acordo com a historiadora norte-americana Joan Scott,

o “gênero” era um termo proposto por aquelas que defendiam que a pesquisa sobre mulheres transformaria fundamentalmente os paradigmas no seio de cada disciplina. As pesquisadoras feministas assinalaram muito cedo que o estudo das mulheres acrescentaria não só novos temas, como também iria impor uma reavaliação crítica das premissas e critérios do trabalho científico existente (Scott, 1991, p. 1).

Por conta da lacuna encontrada, entendemos a necessidade de desenvolver obras historiográficas que tratam da presença e da atuação feminina em movimentos políticos (mais especificamente no Movimento Integralista Brasileiro,

um movimento de caráter conservador, mas ao mesmo tempo, no qual as mulheres possuíam espaço e papel muito importante).

Além disso, entendemos a importância de ampliação dos estudos sobre o movimento integralista por conta de sua abrangência, contando com muitos adeptos no Brasil durante seus anos de atuação, como é possível percebermos a partir da leitura da dissertação de mestrado de Giselda Brito Silva, intitulada “Ação Integralista Brasileira em Pernambuco (AIB-PE): 1932-1938”, que mostra a força do movimento no Estado de Pernambuco, enquanto Beatriz Miranda Brusantin (2004) aborda a atuação da AIB em São Paulo em sua dissertação que tem como título “Anauê paulista: um estudo sobre a prática política da primeira cidade integralista do estado de São Paulo”, além de Everton Fernando Pimenta e Leandro Pereira Gonçalves (2021), que abordam a influência integralista em Minas Gerais no artigo “Os camisas-verdes em Minas Gerais: o integralismo em São João del-Rei e o caso de Tancredo Neves”.

Dessa forma, essa pesquisa historiográfica espera desenvolver um trabalho monográfico que identifique e comprove a idealização feminina a partir da obra do chefe nacional integralista Plínio Salgado, indicando o papel da Igreja na concepção dos ideais de feminilidade propostos pela AIB e aspectos como a questão maternal, o assistencialismo, o lugar feminino no âmbito público e no âmbito privado, a submissão feminina e a missão educativa, intelectual e moral atribuída às mulheres. Além disso, desejamos mostrar a força do movimento, também destacando o papel das mulheres nos discursos da AIB, como elas atuavam nos desfiles, nos comícios e nas escolas integralistas, o que indica as atribuições determinadas pelo Chefe Nacional, Plínio Salgado, e como ele compreendia o universo feminino e o papel de que era cabido às mulheres na sociedade.

Nosso trabalho será construído levando em consideração que “não existe nada natural em ser dona de casa” (Federici, 2018, p. 43). Ou seja, o que é apontado como papel feminino por natureza é, na verdade, uma noção socialmente imposta. Dessa forma, a ideia era (e continua sendo) utilizada como forma de opressão e exclusão das mulheres no espaço político/público.

Para analisar a atuação das mulheres na Ação Integralista Brasileira serão utilizadas as obras de Helisangela Maria Andrade Ferreira (2016) e de Márcia Regina da Silva Ramos Carneiro (2007). Em relação ao papel maternal da mulher, utilizaremos textos como o de Elisabeth Badinter (2009), que desconstrói a ideia

da maternidade como característica inata das mulheres. Por fim, utilizaremos a obra de Héglio Trindade (1979) para apontar como a atuação feminina se dava nas fileiras integralistas.

Assim sendo, nosso primeiro capítulo estará dedicado à análise do discurso da obra “A Mulher no Século XX”, entendendo a questão maternal atribuída à mulher e o papel da Igreja Católica e do conservadorismo presentes na década de 1930. O segundo capítulo se atentará à presença do papel da mulher no Manifesto de Outubro de 1932, documento que marca o surgimento da Ação Integralista Brasileira como movimento de ideias. Já a terceira parte de nosso trabalho estará focada na atuação das blusas-verdes dentro do Movimento Integralista, que será analisada a partir das publicações do jornal integralista A Offensiva.

1. PLÍNIO SALGADO E A SUA VISÃO DA MULHER NO SÉCULO XX

O Chefe Nacional do integralismo publicou, no ano de 1949, a obra intitulada “A Mulher no Século XX”, um livro que conta com ilustrações feitas por Carlos Carneiro e que trata da questão do papel feminino na sociedade. Sendo escrito com base em uma conferência ministrada pelo líder integralista em Portugal, o livro tem como objetivo difundir os ideais de feminilidade propostos pelo movimento através de seu dirigente. Por ser um resumo da palestra, a obra não busca ser profunda, mas sim tocar em pontos específicos e estratégicos para que as concepções defendidas por Salgado dentro do contexto integralista sejam facilmente entendidas e propagadas em suas 158 páginas (Salgado, 1949, p. 8).

A obra desenvolvida por Salgado será analisada sob a lente da Análise do Discurso, mais especificamente a de Matriz Francesa, representada aqui pelo pensamento do filósofo francês Michel Pêcheux. O que se critica na vertente francesa é

a redução da Análise de Discurso a uma prática de leitura de textos políticos e o que se propõe é que, para se ir além disso, deve-se praticar a Análise de Discurso como um dispositivo que permite analisar a textualização do político (Orlandi, 2005, p. 10).

A partir disso, o nosso trabalho será potencializado pela percepção da Análise do Discurso como uma ferramenta que, além de levar em consideração o que está sendo dito, também refletirá sobre as condições de produção do texto,

como os contextos social, histórico, cultural e ideológico do período em que foi desenvolvido, bem como o meio em que o emissor estava inserido. Essa reflexão se torna essencial, pois o sujeito (emissor) não é exterior ao contexto, pelo contrário: é influenciado por ele na produção de enunciados, mesmo que de forma inconsciente: “trata-se então de um sujeito desejante, sujeito do inconsciente, materialmente constituído pela linguagem e interpelado pela ideologia” (Guerra, 2009, p. 5). Assim, a ideologia é tida pela AD Francesa como a naturalização dos sentidos presentes nos enunciados desenvolvidos pelo sujeito, ou seja, mesmo que os sentidos pareçam evidentes, são marcados pelo lugar social, político, econômico e até familiar do sujeito. De acordo com Pêcheux,

[...] É a ideologia que fornece as evidências pelas quais todo mundo sabe o que é um soldado, um operário, um patrão, uma fábrica, uma greve, etc., evidências que fazem com que uma palavra ou um enunciado queiram dizer o que realmente dizem e que mascaram, assim, sob a transparência da linguagem, aquilo que chamaremos o caráter material do sentido das palavras e dos enunciados (Pêcheux, 1995, p. 159-160).

Em sua obra, Plínio Salgado utiliza-se de artifícios para que seu discurso ganhe caráter objetivo ao mesmo tempo em que “cria o efeito de proximidade com a enunciação” (Gregolin, 1995, p. 7). Utiliza, simultaneamente, do uso da 1ª pessoa do singular (nós) e do detalhamento de acontecimentos/citações. Vejamos exemplos encontrados no capítulo intitulado “A Mulher e a Civilização Naturalista” da obra de Salgado:

1. “Também são as mesmas as deduções a que somos levados de que a mulher tem uma grande missão educativa, intelectual e moral [...]” (Salgado, 1949, p. 36).
2. “Os estudiosos vêem, nesse facto, a consequência da redução do trabalho cerebral da mulher na razão directa do aumento das futilidades mundanas [...]” (Salgado, 1949, p. 34).

Na primeira citação é possível identificar o uso do verbo “ser” conjugado na 1ª pessoa do plural (somos), o que indica um caráter mais subjetivo, possuindo uma relação de proximidade com o pensamento do enunciador. Já na segunda citação, o autor atribui um pensamento aos “estudiosos”, o que pode ser visto como uma

tentativa de gerar um efeito de objetividade, para indicar “status de ‘coisas reais’, ‘acontecidas’, através de ilusões discursivas” (Gregolin, 1995, p. 7). Essa dualidade pode ser entendida se lembrarmos que o objetivo da obra, de acordo com o próprio Salgado, é ser um texto resumido, que visa propagar os ideais do autor e do Movimento Integralista sobre a questão feminina, sendo direcionado às mulheres.

A pergunta que guia a obra (Qual o papel da mulher no século XX?) surge a partir da pesquisa do médico brasileiro Tito Lívio de Castro que tem como título “A Mulher e a Sociogenia”, publicada em 1894. As mais severas críticas tecidas por Plínio Salgado dizem respeito ao caráter materialista do texto desenvolvido por Castro, tentando provar cientificamente que as mulheres são inferiores aos homens por terem cérebros menos pesados e os lóbulos frontais menos desenvolvidos (Salgado, 1949, p. 26). A argumentação de Castro busca rebater as ideias do médico e fisiologista francês Claude Bernard, que defendia que as mulheres teriam mais sensibilidade e o coração mais terno que o homem. Para Tito Lívio de Castro, as mulheres não eram superiores aos homens nem na questão emocional, pois o órgão responsável pelos sentimentos e sensações é o cérebro e não o coração. Ana Maria Colling, na obra “Tempos diferentes, discursos iguais: a construção do feminino na história”, defende que o lugar social da mulher foi estabelecido a partir de discursos religiosos, jurídicos, médicos, pedagógicos, filosóficos, psiquiátricos e psicanalíticos. Todos esses discursos (que ainda permeiam as sociedades no século XXI) colocavam a mulher como “um desvio imperfeito do modelo humano perfeito: o homem” (Colling, 2014, p. 63), ou seja, a figura feminina era vista como inferior em todos os âmbitos, sendo colocada no âmbito privado e limitada ao papel de mãe, esposa e cuidadora.

Partindo da obra de Castro, o Chefe Nacional Integralista faz crítica à influência do positivismo evolucionista do texto de Castro, pois naturalistas (como Charles Darwin e Ernst Haeckel) foram responsáveis por desenvolver correntes de pensamento sobre a mulher no século XIX que se afastaram da visão bíblica (Salgado, 1949, p. 35). A questão da moral religiosa é defendida pelo chefe integralista, pois entende que sem uma bússola cristã para orientar os pensamentos e questionamentos é “impossível compreender a alma feminina e o papel que pertence à mulher na família, na sociedade e na Nação” (Salgado, 1949, p. 21).

Durante a Primeira República houve uma grande disseminação de ideais positivistas e, conseqüentemente laicos, o que preocupou a Igreja Católica, que

entre as décadas de 1930 e 1940 reforçou a chamada Restauração Católica, um plano de ação que estava baseado no combate a ideais socialistas, comunistas e liberais, além de se colocar como atuante ao lado das classes que dirigiam o país (Azzi, 1979, p. 69-70). Tendo sua percepção atravessada por esse contexto histórico, Plínio Salgado também se coloca contra os ideais comunistas e socialistas em seus escritos.

No entanto, as semelhanças entre os ideais do líder integralista e a Igreja católica não se limitam a essa questão, levando em conta que seus pais o criaram em um meio permeado por percepções católicas.

Houve na sua educação uma presença forte da doutrina cristã e autoritária. A família do pai de origem espanhola, coronel Francisco das Chagas Esteves Salgado e sua mãe Anna Francisca Rennó Cortez são vistos como modelos de honradez e virtudes cristãs e cívicas. O autor afirma que ao lado de um discurso autoritário do pai e da educação recebida pela mãe, demonstrava com clareza que o lema integralista estava presente desde a sua infância (Ferreira, 2016, p. 18).

Levando em consideração que, de acordo com Pêcheux, as condições de produção estão relacionadas ao lugar social ocupado pelo sujeito, outro aspecto no qual o pensamento católico influencia Salgado é a sua compreensão da noção associada ao papel maternal do gênero feminino, que entende a mulher como parte inerente de um lugar de cuidado, sendo compatível somente, no universo laboral, com as áreas da saúde e educação. Na obra “A Mulher e a Sociogenia”, a questão da mulher tendo papel maternal se explicita, pois o principal ponto da crítica do líder integralista sobre a obra do médico é explicar o motivo pelo qual Tito Lívio de Castro sentiu necessidade de provar a inferioridade feminina, chegando a conclusão de que isso se deu pela falta da presença materna em sua vida, já que a mãe do médico o havia abandonado durante a primeira infância, quando passou a ser cuidado por uma figura masculina.

Para o Chefe Nacional Integralista, “a mulher tem uma grande missão educativa, intelectual e moral, directamente relacionada com a própria feminilidade” (Salgado, 1949. p. 36). É necessário lembrar que o Movimento Integralista Brasileiro possui caráter ultraconservador e, nesta linha de conservadorismo, Plínio Salgado defendia a manutenção da estrutura das instituições sociais, o que incluía a manutenção do lugar social da mulher. Assim sendo, se torna necessário entendermos a atuação feminina na década de 1930. Por isso, consideraremos

outra característica, uma das mais marcantes da década de 30 no Brasil: o processo de industrialização do país, que ocorre pois

A demanda de produtos manufaturados passou a crescer primordialmente em função da renda gerada nas atividades ligadas ao mercado interno, e o nível da renda foi sustentado por políticas macroeconômicas expansionistas implementadas em defesa do setor exportador. A proteção à indústria foi aumentada devido à desvalorização da taxa de câmbio, controle do mercado de câmbio e controles quantitativos das importações, impostos pela crise cambial. Com isso, a indústria passou a liderar o crescimento e a industrialização avançou substituindo importações de bens de consumo e de alguns bens intermediários (Versiani, Suzigan, 1990, p. 12).

Dessa maneira, há um aumento na busca pela mão de obra e as mulheres são inseridas no mercado de trabalho, ou seja: houve uma grande mudança de comportamentos e de costumes, já que “naquele momento, o país se via, cada vez mais, exposto a um estilo de vida moderno, que acelerava o ritmo das mudanças sociais, principalmente nas regiões urbanas do centro-sul do Brasil” (Ostos, 2012, p. 315). Porém, a introdução feminina no âmbito trabalhista não é vista com bons olhos pelo Chefe Integralista, que entende que a mulher não está “preparada para enfrentar os dias difíceis de uma adaptação a novas condições de existência criadas pelo progresso acelerado das transformações técnicas” (Salgado, 1949, p. 38).

No entanto, é necessário observar esse ponto a partir de uma ótica interseccional, conceito sociológico desenvolvido por “feministas negras cujas experiências e reivindicações intelectuais eram inobservadas tanto pelo feminismo branco quanto pelo movimento antirracista, a rigor, focado nos homens negros” (Akotirene, 2019, p. 14), visando perceber nossa sociedade a partir de diversos tipos de opressão (como classe, raça e gênero) que se relacionam entre si e atravessam a vida dos indivíduos de forma diferente. A situação de mulheres brancas e a de mulheres negras/não-branca são extremamente distintas, já que a sociedade brasileira foi construída a partir da exploração de escravizados, principalmente de negros e indígenas, o que incluiu a mão-de-obra feminina.

A mulher negra, elemento no qual se cristaliza mais as estruturas de dominação, como negra e como mulher, se vê, deste modo, ocupando os espaços e os papéis que lhe foram atribuídos desde a escravidão. A “herança escravocrata” sofre uma continuidade no que diz respeito à mulher negra. Seu papel como trabalhadora, a grosso modo, não muda muito. (Nascimento, 2007, p. 104).

Ou seja, enquanto as mulheres brancas desejavam o labor fora do lar, as mulheres negras já tinham sua realidade marcada por uma dupla jornada de trabalho: fora e dentro de casa. Bell Hooks, no seu manual de introdução ao feminismo intitulado “O feminismo é para todo mundo”, trata da diferença laboral das mulheres brancas e não-brancas. Mesmo que a teórica feminista desenvolva sobre a situação estadunidense, a temática também se aplica à questão brasileira.

Enquanto elas [mulheres brancas] reclamam dos perigos do confinamento no lar, a maioria das mulheres da nação era da classe trabalhadora. E muitas dessas trabalhadoras, que se dedicavam a longas horas de trabalho, com baixos salários, e ainda faziam todo o trabalho doméstico, teriam enxergado o direito de ficar em casa como ‘liberdade’ (Hooks, 2018, p. 26).

Dessa maneira, o método interseccional se faz extremamente necessário, pois

As mulheres negras advém de uma experiência histórica diferenciada, e o discurso clássico sobre a opressão da mulher não dá conta da diferença qualitativa da opressão sofrida pelas mulheres negras e o efeito que ela teve e tem ainda na identidade das mulheres negras (Carneiro, 1993, p. 12).

De qualquer forma, a inserção feminina no âmbito laboral na década de 1930 causou grande antagonismo por parte da ala conservadora, que foi ainda mais agitada por conta do aparecimento e fortalecimento dos ideais feministas, que encontravam origens e influências nos movimentos sufragistas das mulheres europeias, trazidas ao nosso país através de representantes femininas de classes mais abastadas.

Salgado cita estudos que, supostamente, provam que as mulheres francesas (mais especificamente parisienses) são as que possuem cérebros e crânios menos pesados quando comparados aos dos homens. De acordo com o autor, isso se dava por conta das futilidades com as quais essas mulheres estavam envolvidas, o que chama de: moda, exibicionismo, etiquetas e elegâncias excessivas (Salgado, 1949, p. 34). Essa percepção era comum na época, principalmente se tratando de indivíduos conservadores, pois o período foi bastante influenciado pelo glamour hollywoodiano.

Segundo Ramires e Velasco, é possível traçar um paralelo entre a história da moda e a luta feminina por direitos, crescendo juntas:

Na década de 20, depois de 81 anos de luta, as mulheres dos Estados Unidos conquistam o direito ao voto. Um grande passo democrático para a luta feminista. Agora, ela se torna livre dos espartilhos, (usados até o final do século 19). A liberdade na vestimenta permite mostrar pernas, colo e usar maquiagem. (Ramires, Velasco, 2011, p. 2).

Enfim, antes das ideias e perspectivas sobre as mulheres ganharem força no Brasil, os direitos femininos eram limitados pelo Código Civil de 1916, que passou a ser o código civil vigente a partir de janeiro de 1917 e perdurou até janeiro de 2003. O documento que vigorou a desde 1917 no nosso país entendia o homem como responsável pelo sustento da família e colocava a mulher em lugar de submissão, apesar de passar por algumas modificações ao longo dos anos. De acordo com Marques e Melo, “todo o esforço de reforma do sistema legal brasileiro, iniciado no século XIX, alinhou o país com o quadro liberal, mas resultou em pouco ou nenhum avanço nos direitos civis das mulheres” (Marques, Melo, 2008, p. 470).

A perspectiva que coloca a mulher no lugar de submissão também é um ponto em comum entre Plínio Salgado e a Igreja Católica, pois ambos determinam o lugar feminino no lar e relacionado à maternidade inata, considerada sagrada e bíblica. Alguns estudos comprovam que estes lugares foram socialmente e historicamente construídos, como bem defende a historiadora estadunidense Beth Allison Barr em sua obra “The Making of Biblical Womanhood: How the Subjugation of Women Became Gospel Truth”. Barr cita algumas passagens escritas por Paulo em suas Cartas, as chamadas Epístolas Paulinas, que tratam sobre o lugar feminino na sociedade e na Igreja. Na primeira carta aos Coríntios, Paulo aponta que as mulheres devem estar “[...] caladas nas igrejas. Porque não lhes é permitido falar. Mas estejam submissas, como também a lei ordena.” (1Co. 14:34), enquanto nas cartas a Tito, aos Colossenses e 1 Pedro, o apóstolo aponta sobre o papel da mulher, em trechos como:

- 1) “As mulheres mais velhas, de igual modo, sejam reverentes no viver, não caluniadoras, não dadas a muito vinho, mestras no bem, para que ensinem as mulheres novas a amarem seus maridos e os filhos, a serem equilibradas, puras, eficientes no cuidado do lar, bondosas, submissas ao marido, para que não se fale mal da palavra de Deus” (Tt. 2:3-5).
- 2) “Mulheres, cada uma de vós seja submissa ao próprio marido, como convém no Senhor” (Cl. 3:18).

- 3) "Mulheres, do mesmo modo, cada uma de vós seja submissa ao marido, para que também, se alguns deles não obedecem à palavra, sejam ganhos sem palavra alguma pela conduta de sua mulher" (1Pe. 3:1).

Por isso, para a historiadora norte-americana, a questão da submissão baseia-se nos textos bíblicos desenvolvidos por Paulo. Porém, entende que até mesmo a Bíblia foi escrita em um contexto histórico, o que muitas vezes não é levado em consideração durante a leitura do texto bíblico. Assim, entende que o "contexto histórico sugere que a submissão da esposa não era o objetivo dos escritos de Paulo" (Barr, 2021, p. 42, tradução nossa)¹, e entende que o apóstolo desejava romper com os ideias de gênero impostos pelo Império Romano, retirando "textos de terror" em relação às mulheres e colocando-as em um lugar de submissão como forma de mantê-las seguras.

Com a percepção de submissão que vigorava no período, algumas revistas femininas da década de 1930 apresentavam às mulheres dicas de como se portar, de como se vestir e regras de etiqueta no geral, para que pudessem se encaixar no padrão esperado. A Revista Feminina (que circulou entre os anos de 1914 e 1936) publica o que chama de "O decálogo da esposa", que possui trechos direcionados ao público feminino e possui conselhos como "Espera teu esposo com teu lar sempre em ordem e o semblante risonho; mas não te aflijas excessivamente se alguma vez ele não reparar nisso" e "Se teu esposo se afastar de ti, espera-o. Se tardar em voltar, espera-o! Porque tu não és somente a sua esposa; és ainda a honra do seu nome. E quando um dia ele voltar, há sempre de te abençoar-te" (Maluf, Mott, 1998, p. 371). A Revista Feminina era dirigida e redigida (na maior parte do tempo) por mulheres, voltando suas publicações para o público feminino e abordando temas como "moda, decoração do lar, saúde, culinária, educação dos filhos, pequenos contos, poesias ou peças de teatro" e "curiosidades culturais" (Lima, 2007, p. 228). Em alguns momentos, também abordava questões sobre os direitos políticos e sociais das mulheres, porém o tom conservador dado pela fundadora da revista (Virgilina de Souza Salles) é um aspecto marcante e constante, que permanece mesmo após a sua morte.

Nesse contexto, a Revista Feminina também trazia a seção intitulada "O Menu de Meu Marido", que trazia dicas sobre refeições. A temática é analisada por

¹ As we've seen, historical context suggests that wifely submission was not the point of Paul's writings, including in the household codes (Barr, 2021, p. 42).

Ana Carolina Soares em seu artigo, que leva em consideração as narrativas visuais. Sobre a publicação de número 36 da revista, Soares explicita que

[...] o marido [...] aparece à direita no outro lado da cabeceira da mesa e a mulher aparece de pé trazendo um grande e pesado prato de succulento alimento. [...] A cabeça da mulher pende para a esquerda e seu semblante é de felicidade e plenitude. Ela traz o alimento pronto para a mesa e cumpre seu papel. As crianças sorriem felizes e uma delas levanta o braço parecendo exultante com a comida a ser servida (Soares, 2014, p. 39).

Figura 1: Figura da seção “O Menu de Meu Marido”.



Fonte: Revista Feminina, n. 36, Maio de 1917, SP/BN.

Assim, a submissão feminina (aqui entendida como sujeição da mulher ao homem dentro de um relacionamento, tanto no âmbito privado quanto no público) também é encontrada nos preceitos de Plínio Salgado. O líder integralista entende que o homem deveria ser responsável pelo sustento do lar, o que também era um ideal bastante presente na sociedade brasileira nos anos 1930. No entanto, o Chefe Integralista considera justificável que as mulheres possam trabalhar, mas apenas em casos específicos como o das viúvas, mulheres que foram abandonadas pelos maridos ou no caso da renda financeira do marido não ser suficiente para sustentar a casa. Dessa forma, o próprio Plínio Salgado defende a atuação feminina no ambiente público, desde que se envolvam com práticas e profissões que tenham teor sensível, maternal, que envolvam cuidados, como é o caso de professoras e enfermeiras, apontando a noção de maternidade como característica inata das

mulheres. Apesar do apoio em determinadas ocasiões, o Chefe Nacional Integralista reforça a necessidade da mulher ter como sua principal atividade os cuidados com a casa e com os filhos.

Assim como é lícito, e até um dever, em certas circunstâncias, que a mulher trabalhe fora do lar para auferir com virtude os meios de subsistência, também é lícito e, mais ainda, imperiosamente necessário que ela exerça eficiente ação social da família cristã. (Salgado, 1949, p. 108).

Elisabeth Badinter questiona a ideia de maternidade inata ao gênero feminino, explicitando que o amor materno não é inato ou incondicional, mas é “adquirido ao longo dos dias passados ao lado do filho, e por ocasião dos cuidados que lhe dispensamos” (Badinter, 2009, p. 14). A mulher como figura mais sensível e exercendo o papel maternal é reforçada pela Igreja Católica, apresentando a personagem Maria, mãe de Jesus, como o ideal de mulher a ser seguido, e no século XIX “[...] passou a repensar o caráter feminino, jogando para as mulheres a responsabilidade como progenitoras de uma nova época, de novos homens, cujas vidas deveriam ser preparadas no seio de uma família moderna” (Lima, Teixeira, 2008, p. 119). Nesse contexto, a questão maternal e a missão moral da mulher entram em debate, pois de acordo com o líder do movimento integralista,

Para ser mãe psicologicamente, familiarmente, socialmente, intelectualmente, e até politicamente não importa o ter ou não filhos. O essencial é que a ação da mulher no seu meio se exerça num sentido maternal (Salgado, 1949, p. 73).

Ou seja, a mulher deveria “ser mãe” também no ambiente público, cuidando e tratando como filhos aqueles que precisam, mesmo que não possuam laços sanguíneos. Mas como se daria a maternidade no âmbito público? De acordo com o próprio Plínio Salgado, as mulheres seriam responsáveis pelo assistencialismo nas áreas da medicina, da enfermagem, da educação e da questão sanitária, que era importantíssima na época. Enfim, a função maternal ligada à missão moral é apresentada pelo líder integralista, pois, conforme seus ideais, a família era vista como uma célula dos municípios, que por sua vez eram células da nação.

Além disso, a mulher seria responsável por educar os seus filhos baseando-se na perspectiva integralista, para que pudessem crescer e se tornar

homens e mulheres considerados de honra. Por isso, desde os casamentos e batizados até os funerais, os símbolos e rituais integralistas estavam presentes e os filhos e filhas de camisas e blusas-verdes cresciam dentro desse contexto, rodeados por pessoas, símbolos e discursos ultranacionalistas e de eventos extremamente ritualizados. Gonçalves e Neto descrevem o passo a passo ritualístico dos batizados dos plinianos, que envolviam uma reunião “em torno da pia batismal”, a presença da bandeira do Sigma (uma bandeira azul com a letra grega Σ , símbolo do movimento), além da presença dos pais, padrinhos e convidados trajando a camisa-verde, o “sacramento do sacerdote”, e o primeiro “Anauê!” (saudação integralista de suposta origem indígena) do pequeno pliniano que foi batizado (Gonçalves, Neto, 2020, p. 33).

Figura 2: Casamento Integralista.



Fonte: CAVALARI, Rosa Maria Feiteiro. **Integralismo:** ideologia e organização de um partido de massa no Brasil. Bauru: Edusc, 1999, p. 178.

Figura 3: Batizado Integralista.



Fonte: CAVALARI, Rosa Maria Feiteiro. **Integralismo:** ideologia e organização de um partido de massa no Brasil. Bauru: Edusc, 1999, p. 74.

Figura 4: Enterro Integralista.



Fonte: CAVALARI, Rosa Maria Feiteiro. **Integralismo:** ideologia e organização de um partido de massa no Brasil. Bauru: Edusc, 1999, p. 180.

De acordo com Neves, “as imagens não devem ser utilizadas nos trabalhos históricos apenas para corroborar o conhecimento já construído, mas deve-se, por outro lado, tratá-las como outro documento qualquer” (Neves, 2004, p. 3). Dessa forma, é necessário entender não apenas a origem, data, local e instituição de conservação da fotografia, mas também suas condições de produção, ou o contexto em que foi produzida. A fotografia do casamento integralista (Figura 2) foi registrada

na cidade de Curitiba, no dia 20 de novembro de 1937, sendo preservada pelo Arquivo Público e Histórico do Município de Rio Claro - São Paulo (que também é a instituição responsável pela preservação das fotografias da Figura 3 e da Figura 4).

A Figura 2 mostra camisas-verdes e blusas-verdes, trajando o fardamento da AIB, na celebração do matrimônio do casal integralista, além de expor a bandeira brasileira e a integralista (com o símbolo do sigma) e a imagem de Plínio Salgado em um quadro na parede. Os símbolos integralistas (a bandeira azul e branca e o uniforme) apontam para a importância dada por Plínio Salgado à iconografia do movimento, já que estavam presentes em todos os eventos desenvolvidos pelos que compunham as suas fileiras, mesmo em celebrações mais privadas, como os casamentos e os batizados (Figura 3). Além disso, a presença desses símbolos em acontecimentos considerados tão importantes na época também explicitam o quanto os integralistas se orgulhavam de ser parte integrante da AIB.

Ainda, o aparecimento da bandeira do Brasil (Figura 2) manifesta a marcante característica da Ação Integralista Brasileira: o nacionalismo, que aparece nas publicações integralistas (revistas e jornais), nos discursos do camisas-verdes e, principalmente, nos escritos e discursos públicos de Plínio Salgado. A aparição da fotografia de Plínio Salgado, que aparece em um quadro na parede, pode ser observada a partir do que Tatiana Bulhões chama de “onipresença do Chefe Nacional”, entendendo que

Plínio Salgado é o protagonista dos grandes eventos integralistas e aparece sempre nas fotografias destes eventos [...]. Ele está presente também nas paredes dos núcleos e em fotografias onde “é aclamado”, “recebido entusiasmamente” pelos militantes, como afirmam as legendas das fotografias tiradas por ocasião de sua visita aos núcleos integralistas, de suas conferências doutrinárias, entre outros eventos (Bulhões, 2007, p. 78).

A fotografia do batizado integralista (representada na Figura 3) foi tirada na Matriz de Engenho de Dentro, em dezembro do ano de 1935. O evento, mais um vez, é marcado pela simbologia integralista, mas, para além disso evidencia como se dava a inserção na AIB dos filhos e filhas dos camisas e blusas-verdes. Desde o berço, as crianças eram não só apresentadas ao movimento como também passavam a fazer parte dele e crescia envolvidas pelos ideais de Salgado. Se o início da vida dos plinianos era marcada pela AIB, o fim de suas vidas não era diferente. A fotografia do enterro integralista (Figura 4) retrata o adeus ao Capitão

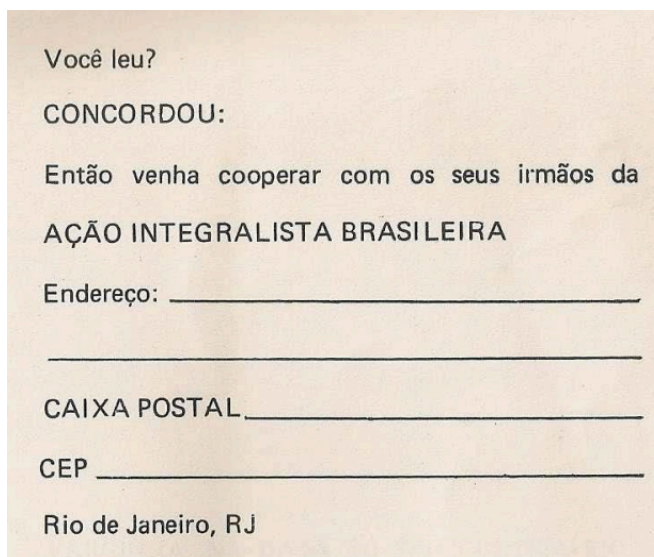
Mattos, que integrava o Núcleo do Méier, do Rio de Janeiro. É possível perceber, mais uma vez, que o uniforme do movimento e a ideia de “onipresença do Chefe Nacional” se fazem presentes nesse evento, além da saudação integralista, o “Anauê”, que também faz parte da simbologia da AIB.

2. O LUGAR DA MULHER NO MANIFESTO DE OUTUBRO DE 1932

O manifesto de 7 de outubro de 1932 é o documento que lança ao Brasil o Movimento Integralista. Escrito (também) por Plínio Salgado, mostra as diretrizes do movimento e apresenta as próprias concepções de homem, nação, autoridade, nacionalismo, partidos, governo, Estado e família, além de tratar de questões sociais e de espiritualidade, ou seja, concepções de temáticas tidas como essenciais e basilares para o Integralismo. O documento foi publicado com o intuito de mostrar e popularizar a Ação Integralista e seus ideais ao povo brasileiro, o que fica explícito pela folha anexa ao manifesto (Figura 5), que permitia a troca de um meio de contato entre os Integralistas e possíveis novos adeptos.

Além disso, o documento (bem como “A Mulher no século XX”) também utiliza de uma linguagem objetiva, mas fazendo uso da 1ª pessoa do plural, já que desejava se aproximar do público geral que ainda não possuía contato com a Ação Integralista Brasileira, mas também visava explorar os preceitos integralistas de forma simples, direta e assertiva, recorrendo do “detalhamento das informações [...] para criar a ‘verdade do discurso’” (Gregolin, 1995, p. 7).

Figura 5: Folha Anexa ao Manifesto de Outubro.



Você leu?
CONCORDOU:
Então venha cooperar com os seus irmãos da
AÇÃO INTEGRALISTA BRASILEIRA
Endereço: _____

CAIXA POSTAL _____
CEP _____
Rio de Janeiro, RJ

Fonte: SALGADO, Plínio. **Manifesto de Outubro de 1932.** São Paulo, 1932.

No momento de publicação, o Integralismo foi apresentado como um movimento não apenas não-partidário, mas que entendia os partidos como um mal a ser combatido, pois eram considerados por Salgado como um fracionador da Nação e o objetivo principal da Ação Integralista Brasileira era a unidade do país, um Estado Integral. O documento foi aprovado pela Sociedade de Estudos Políticos (ou SEP, a qual podemos compreender como grupo que originou o Integralismo Brasileiro), mas só foi oficializado no dia 7 de outubro de 1932 com a leitura do documento no Teatro Municipal de São Paulo, dando origem ao primeiro núcleo da AIB e à Sede Nacional e Provincial (Barbosa, 2006, p. 68). O Manifesto “foi publicado com uma tiragem de 20 mil exemplares e distribuído na capital paulista e em várias regiões do Brasil” (Gonçalves, Neto, 2020, p. 14). Também foi nesse período que os advogados Gustavo Barroso e Miguel Reale se juntaram ao movimento e, posteriormente, se tornaram líderes integralistas junto com Plínio Salgado. Apesar das críticas ao partidarismo, no ano de 1936 a AIB é transformada em partido político a partir do Manifesto Programa, que foi “redigido para as eleições de 1938” e possuiu “narrativa mais madura acerca dos ideais integralistas” (Oliveira, 2023, p. 6).

Entendemos o Manifesto de Outubro de 1932 como um documento essencial para entender as movimentações políticas da Ação Integralista Brasileira, já que é o “documento onde foram apresentados os princípios gerais do integralismo” (Pires da

Silva, 2010, p. 166) e que serve como base para as atividades desenvolvidas pelos camisas-verdes e pelas blusas-verdes, ou plinianos e plinianas, como eram chamados os homens e mulheres que integravam as fileiras integralistas. Sendo assim, se faz necessário observarmos o Manifesto de Outubro para analisar as diretrizes que regiam o movimento, principalmente no que diz respeito ao papel que as mulheres iriam exercer dentro do contexto do Integralismo Brasileiro e como ele está relacionado com o ideal católico e, conseqüentemente, conservador que foi incorporada por Plínio Salgado na AIB, mesmo apontando no documento fundador que o sectarismo religioso era rejeitado.

Como citado anteriormente, uma das características trazidas no Manifesto desenvolvido por Salgado é a espiritualidade. Mais uma vez, é importantíssimo lembrar que a questão é tão importante que o documento é iniciado com a frase “Deus dirige o destino dos povos” (Salgado, 1932, p. 1), o lema é apresentado na contra-capá (Deus, pátria e família) e a quarta capa traz a frase “O Integralista é o soldado de Deus e da Pátria, homem novo do Brasil que vai construir uma grande Nação”, atribuída ao chefe nacional Integralista. Grande parte do documento é guiado, assim, a partir de ideais conservadores estabelecidos, inicialmente, pela Igreja Católica.

Danilo Moreira aponta que o perfil anticomunista apresentando por essa instituição religiosa é evidente desde antes do século XX.

[...] a Igreja Católica esteve muito atuante durante o começo dos anos de 1930 com relação ao comunismo, primeiro porque haviam perseguições anticlericais na União Soviética, mas também devido as mesmas perseguições que ocorreram em um país tradicional católico, no caso a Espanha (Moreira, 2018, p. 41).

As condições de produção do documento — entendidas por Michel Pêcheux como capazes de trazer “os lugares sociais, as condições de força, as tensões entre os “já-ditos” e os “a-dizer” e tomadas de posição do sujeito discursivo” (Alves, 2016, p. 164) — se refletem no aparecimento da forte percepção anti comunista de Plínio Salgado, sendo um sistema ideológico que é apresentado de forma negativa em seus escritos. Dessa forma, o comunismo é mostrado no documento como um “cancro”, ou seja, um câncer, uma ameaça, como destruidor da personalidade humana e sua transformação em “escravos” através da remoção da religião. A partir

disso, Salgado expõe a AIB como solução para esse problema que estava assolando não apenas o nosso país, mas o mundo. Entretanto, o comunismo não é o único alvo de críticas nesse texto: a anarquia (tida como doutrina de covardia e desilusão) e o capitalismo (apontado como doutrina individualista e consumista) são colocados como inimigos da nação por Salgado.

Os sistemas ideológicos combatidos no Manifesto eram tidos como alguns dos responsáveis pelas divisões políticas e sociais que existiam, sendo apresentados como divisores de classes, enquanto o Integralismo procura a harmonização social, entendendo que “os homens e as classes [...] podem e devem viver em harmonia” e que “todos os homens são susceptíveis de harmonização social” (Salgado 1932, p. 1). Nesse ponto, a noção de Plínio Salgado se assemelha à visão capitalista sobre a luta de classes, pois

o dispositivo "regulatório" tanto "harmonicista" quanto coercitivo aplicado ao mundo do trabalho nos mais diversos países reduziu as resistências dos trabalhadores à exploração, o que viabilizou a retomada do processo de acumulação e, por conseguinte, dos níveis de lucratividade que o capitalismo veria desaparecer com a eclosão da crise na década de 1970 (Balanco, Pinto, 2007, p. 45).

Dessa maneira, de acordo com a ideologia do Sigma, essa harmonia seria estabelecida pelo governo, que além de cuidar da justiça social, era detentor de autoridade e deveria zelar pelos interesses coletivos. A autoridade do Estado estaria baseada na noção de hierarquia/disciplina que, por sua vez, era responsável pela manutenção da ordem da nação (aqui entendida justamente como inexistência das lutas de classes). Nesse sentido, faz-se necessário apontar que a educação de Salgado foi marcada por uma “doutrina cristã e autoritária” (Ferreira, 2016, p. 18), que somada ao período histórico em que estava inserido (no qual o conservadorismo era muito presente) possuiu forte ação sobre o pensamento do Chefe Nacional da AIB.

O Nacionalismo também é uma temática bem presente no texto, indicado como uma necessidade, pois, de acordo com Salgado, o país estava sendo destruído pela influência estrangeira. Por isso, Plínio Salgado entende que os brasileiros viviam a “engrandecer tudo o que é de fora, desprezando todas as iniciativas nacionais” (Salgado, 1932, p. 3). No entanto, afirma que isso não significa ter indisposição com as nações amigas, pois apenas desejava valorizar os

costumes nacionais. Nesse contexto, o nacionalismo é entendido como movimento exaltação não apenas do Hino Nacional e de nossa bandeira, mas “afirmar o valor do Brasil e de tudo o que é útil e belo no caráter e nos costumes brasileiros; para unir todos os brasileiros num só espírito” (Salgado, 1932, p.4). Sobre a questão de partidos políticos, ou as chamadas “politicagens de grupos”, e das conspirações, Salgado posiciona-se contra, percebendo a divisão como algo negativo. Enfim, durante todo o documento, é possível observar a temática da divisão, que constantemente é apontada como questão a ser combatida para que se possibilitasse a formação de um Estado unido e uniforme, ou seja, Integral, e assim o Brasil pudesse progredir.

No âmbito social, Salgado defende que o operário possua “garantia de salários, adequados às suas necessidades, interessando-se nos lucros conforme o seu esforço e capacidade” (Salgado, 1932, p. 8) e defende que o trabalhador seja defendido dos males do capitalismo, do comunismo e da social-democracia. No tópico XVIII, intitulado “A Família e a Nação”, podemos perceber que a mulher está inserida, aqui, no papel maternal. A família é apresentada como a base da felicidade do homem e essa felicidade seria encontrada no “afago de uma mãe, a palavra de um pai, a ternura de uma esposa, o carinho de um filho, o abraço de um irmão, a dedicação dos parentes e dos amigos” (Salgado, 1932, p. 9). A visão de Salgado sobre a mulher, como visto anteriormente, entende a mulher como indivíduo mais afetuoso e emocional, o que é possível perceber no trecho citado, que apresenta a mãe como responsável pelo afago e a esposa pela ternura, enquanto o pai seria responsável pelas palavras.

Nesse ponto, é essencial apontar que o chefe nacional entende a família como célula do município e municípios como células da Nação. Essa noção de família como célula era uma forte característica do período em que nosso país foi governado por Getúlio Vargas.

De acordo com os princípios da doutrina católica, a família é a “pedra angular da sociedade”, cujo alicerce funda-se a partir do vínculo conjugal indissolúvel consagrado pelo matrimônio cristão, e cuja organização “una, livre, indissolúvel e fecunda” reflete a força moral de uma nação. A família nuclear, patriarcal e monogâmica, defendida pela Igreja Católica e pelo regime nacionalista de Vargas, constituiu-se como um modelo idealizado, tendo em vista a dinâmica de remodelamento das relações sociais e culturais em processo no início do século XX, sob influência de novos hábitos e valores advindos da modernidade (Silva, 2010, p. 58).

Entendendo essa noção, entendemos também o motivo da mulher ser colocada em posição de exercer a maternidade tanto dentro de sua família quanto no ambiente público, com pessoas com as quais não possuíam laços sanguíneos. É por isso que, dentro do contexto da Ação Integralista Brasileira, as mulheres estão em lugar de cuidados e ligadas ao assistencialismo, pois cuidar de indivíduos fragilizados era considerado um papel maternal. Durante o período em questão, as mulheres que iriam atuar no ambiente público sempre eram direcionadas a trabalhos que possuíam ligação com a questão da maternidade, como a enfermagem e o magistério. No entanto, Maria Lúcia Mott observa a questão de forma positiva, entendendo que

Se essa qualidade – a “natureza feminina” – foi usada em muitos casos para segregar as mulheres ao lar e como argumento para impedir a obtenção de direitos civis, políticos, econômicos, intelectuais e sociais, começou também a ser usada num sentido inverso: para lhes abrir as portas e levar as aptidões maternas para fora de casa, para o exercício de determinadas profissões consideradas próprias às mulheres, como a assistência social compatível com a “missão altruística” das mães e, até mesmo, para o exercício dos direitos políticos devido a uma “moralidade” específica ao sexo feminino (Mott, 2001, p. 211).

Ou seja, mesmo que de forma limitada, as mulheres das elites passaram a se inserir no ambiente público, o que abriu espaço para conquistas de direitos civis e políticos das mulheres, como é o caso da conquista do direito ao voto no Rio Grande do Norte no ano de 1927, alcançado através da luta das mulheres feministas. Essa conquista “abriu um precedente para que o movimento liderado por Bertha Lutz reivindicasse direitos para todas as mulheres no Brasil alegando que, se uma pode, então que fosse estendido a todas” (Ferraz, 2020, p. 65-66), o que se concretiza no ano de 1932. A questão do papel maternal atribuído às mulheres tinha forte ligação com os ideais defendidos pela Igreja Católica, que entendia família formada a partir de uma relação heterossexual e monogâmica, na qual o homem era o “cabeça”, o provedor e responsável pela segurança de sua família, enquanto a mulher assumia o lugar de cuidados com a casa e com os filhos. Sendo assim, a Igreja Católica entende que

A família como célula mater, tem suas bases na livre vontade dos cônjuges de se unirem em matrimônio. Ela é um ambiente de vida, de doação recíproca do homem e da mulher, e de bem para as crianças. É comunidade

natural na qual se experimenta a sociabilidade humana. Contribui de modo único e insubstituível para o bem da sociedade (Silva, 2019, p. 27).

Com o processo de industrialização e a inserção das mulheres no mercado de trabalho, a estrutura familiar muda, já que muitas mulheres assumem a função de provedoras e responsáveis pelo sustento e além disso, há um grande crescimento e propagação dos ideais comunistas. Esse contexto preocupa e causa alerta na Igreja Católica, que divulga a carta encíclica *Rerum Novarum* (ou *Das Coisas Novas*). A carta se dedicava a tratar de temáticas relacionadas ao socialismo, comunismo, questão social, conciliação da luta de classes, trabalho, caridade, Estado, entre outros. Nesse ponto, podemos perceber o quão influenciado foi Plínio Salgado pelos ideais católicos, tendo sido criado sob essas diretrizes e inserido em um contexto conservador, com os quais, claramente, baseou-se para a criação do movimento do qual foi líder até a data de sua morte, em 1975 na cidade de São Paulo.

3. A ATUAÇÃO FEMININA NA AÇÃO INTEGRALISTA A PARTIR DO JORNAL A OFFENSIVA

Para termos noção da abrangência da imprensa do movimento podemos observar a relação trazida na dissertação de Carine de Souza Leal, intitulada “Imprensa Integralista (1932-1937): propaganda ideológica e imprensa partidária de um movimento fascista no Brasil dos anos 30”, que aponta que a imprensa da AIB contava com publicações de 140 jornais e revistas, sendo distribuídas nos estados de Alagoas, Amazonas, Bahia, Ceará, Espírito Santo, Goiás, Maranhão, Minas Gerais, Pará, Paraíba, Paraná, Pernambuco, Rio de Janeiro, Rio Grande do Norte, Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Sergipe (Leal, 2006, p. 103-106). Jornais como “A Offensiva”, “O Integralista”, “A Lucta” e “Revolução” e revistas como “Anauê!” e “O Sigma” formavam a imprensa do movimento e, além de tratar temas defendidos no movimento a partir de notícias da época, também era utilizada como meio de propagar os eventos realizados pela AIB e as ações e eventos desenvolvidos por e para plinianos e plinianas.

Analisar a imprensa integralista é de suma importância para entender a história da Ação Integralista Brasileira, já que os dois estão extremamente

interligados, considerando que “crescem juntos, movimento e imprensa própria, chegando até a criação de um consórcio jornalístico que reuniria mais de uma centena de jornais defendendo a mesma ideologia: o Sigma Jornaes Reunidos” (Leal, 2006, p. 41).

Para além do rádio, os jornais impressos foram um dos mais importantes meios de comunicação no Brasil na década de 30, mesmo considerando o alto nível de analfabetismo observado no período em questão. Entende-se que a imprensa escrita era uma das maiores responsáveis pela propagação de ideais políticos, sociais, econômicos e culturais mesmo nos discursos desenvolvidos por jornais sem ligações políticas diretas, mas que possuíam interesses e os mostravam ao selecionar determinados eventos e colocá-los em lugar de destaque ou de esquecimento de acordo com o que fosse conveniente (Stephanou, 2001, p. 45). Essa movimentação se intensificava, portanto, em jornais focados na propaganda ideológica e partidária, como é o caso da imprensa integralista, já que os jornais do movimento eram produzidos para integralistas (contando com futuros adeptos) e por integralistas.

No entanto, nem toda produção teórica era disponibilizada nas publicações, já que também existia uma necessidade dos periódicos serem de fácil compreensão. Sendo assim, podemos considerar que havia um filtro que fazia com que apenas a parte entendida como mais essencial dos preceitos integralistas fossem disponibilizados aos seguidores.

A materialização ideológica do integralismo através das páginas de jornais e livros passava por uma seleção prévia, na qual os elementos mais gerais ficavam disponíveis. Todos os pontos teóricos e mais difíceis de serem compreendidos e, principalmente, as diferenças intrínsecas presentes nos autores eram suprimidas (Oliveira, 2009, p. 294).

Percebemos a imprensa escrita como uma ferramenta importantíssima para a pesquisa histórica, que (assim como todo documento histórico) é produzida a partir de um lugar social específico e influenciado pela historicidade, além de que, “quem narra tem algum propósito ao narrar, nenhuma narrativa é ingênua” (Motta, 2005, p. 3). Assim sendo, entendemos que é dever do historiador “não fazer papel de

ingênuo” e “desestruturar esta construção e analisar as condições de produção dos documentos monumentos” (Le Goff, 1990, p. 289).

Sendo assim, a análise da fonte escolhida (Jornal A Offensiva) será utilizada para entender as atividades desenvolvidas pelas blusas-verdes a partir da percepção de que este era parte integrante do Sigma Jornais Reunidos, sendo regido pelos ideais do chefe nacional integralista Plínio Salgado, que eram marcados principalmente pelo conservadorismo no que diz respeito ao papel da mulher e influenciados pela historicidade do contexto brasileiro na década de 1930. O Jornal A Offensiva foi distribuído entre 1934 e 1938, porém, é importante apontar que no ano de 1937, com a supressão dos direitos políticos (que inicia o período chamado de Estado Novo, dirigido por Vargas), esse jornal precisou passar por algumas alterações. De acordo com Almeida (2022),

“O jornal passou por um período de mudança no caráter político entre 1937 e 1938, quando Getúlio Vargas suspendeu todos os partidos políticos, fazendo com que fosse necessária a adaptação do conteúdo do jornal, deixando de lado o caráter explicitamente doutrinário, característico do periódico até então.⁵² Mesmo estando limitado pelos decretos ditatoriais de Vargas, A Offensiva conseguiu publicar 88 edições até a sua extinção, em março de 1938. Antes deste período, o jornal passou por seu momento de maior expansão e expressividade, em um período que foi de janeiro de 1936 a dezembro de 1937. Nesta fase do jornal, 570 edições foram publicadas em tiragens diárias, passando a estar disponível em bancas de jornais, diferentemente do período anterior, entre maio de 1934 e janeiro de 1936, onde só era possível adquirir o jornal por meio de um serviço de assinatura, possuindo uma periodicidade semanal” (Almeida, 2022, p 25).

Enfim, levaremos em consideração que o jornal era produzido e pensado, na maior parte do tempo, por homens e mulheres (em alguns raros casos), que pertenciam às classes mais abastadas, visto que eram não apenas basicamente alfabetizados como também eram capazes de desenvolver os textos publicados nos periódicos. Ainda é essencial apontar que “as notícias são [...] fragmentos dispersos e descontínuos de significações parciais” (Motta, 2005, p. 4) e, com base na Análise Jornalística proposta por Luiz Gonzaga Motta no artigo “A Análise Pragmática da Narrativa Jornalística”, nossa investigação estará baseada nas seguintes etapas:

1. recomposição dos acontecimentos relatados no jornal;
2. identificação da função dos relatos;
3. construção dos personagens (nesse caso, as mulheres);

4. compreensão das estratégias comunicativas;
5. percepção da relação comunicativa e o “contrato cognitivo”;
6. assimilação das metanarrativas - significados de fundo moral.

A partir disso, iremos entender o lugar de atuação da mulher integralista como cuidadora ocupando trabalhos de natureza assistencialista, cuidado de doentes, pobres, viúvas (e pessoas menos abastadas no geral) por meio da puericultura, da alfabetização, do ensino de economia doméstica, boas maneiras e até mesmo da datilografia (Trindade, 1979, p. 187). É possível encontrar menção dos afazeres das plinianas em muitas publicações do Jornal A Offensiva, nas quais observamos que tais atividades se davam através de trabalhos desenvolvidos pelo Departamento Feminino da AIB — regido pela Secretaria Nacional de Arregimentação Feminina e dos Plinianos — e podiam ser divididas em cinco partes: “Expediente, Cultura Physica, Educação, Estudos e Ação Social” (Simões, 2011, p. 6).

A Divisão de Ação Social era responsável pelo âmbito da saúde, no qual as blusas-verdes trabalhavam, essencialmente, na área da enfermagem, que envolvia a atuação em lactários (desenvolvimento de alimentação para bebês e crianças - Figura 6), ambulatórios (cuidados nos primeiros socorros, curativos e exames), dispensários (distribuição de medicamentos) e laboratórios, além de atuarem na puericultura (área da saúde que se dedica aos cuidados de crianças e jovens até aos 19 anos de idade, se iniciando na realização do processo do pré-natal). Além disso, também trabalhavam com a orientação sexual de outras mulheres, desenvolvendo trabalhos de prevenção de ISTs, além de questões relacionadas à higiene (Ferreira, 2016, p. 122).

Figura 6: Plinianas em visita ao lactário.

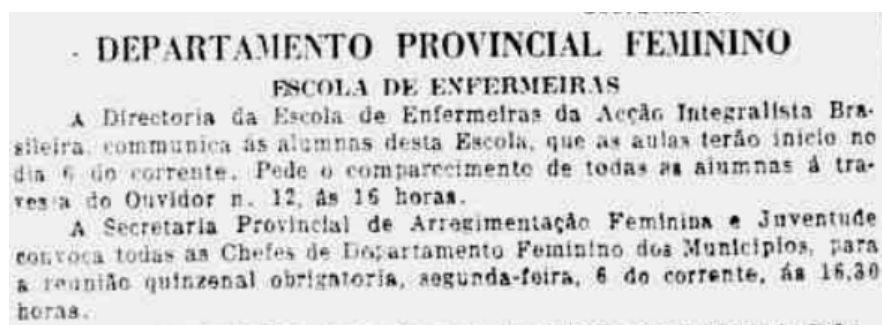


Fonte: CAVALARI, Rosa Maria Feiteiro. Integralismo: ideologia e organização de um partido de massa no Brasil. Bauru: Edusc, 1999, p. 74.

Essa atividade era tida como tão essencial que em 3 de outubro de 1935 inaugurou a primeira de suas Escolas de Enfermeiras, passando a ofertar cursos com o objetivo de profissionalizar as plinianas, que passariam a atuar na área dentro da Ação Integralista Brasileira ajudando famílias que não tinham condição financeira de obter ajuda médica por conta própria, servindo “nos trabalhos gerais ou especializados das clínicas privadas, hospitais e, se necessário, nos serviços sanitários nacionais” (Ferreira, 2016, p. 112). Dessa maneira, o assistencialismo na saúde possuía conexão com o ideal integralista da mulher do lugar de cuidadora, atividade considerada como inata ao gênero feminino por possuir caráter mais sensível.

De acordo com Maria Martha Freire, “a ideologia maternalista que dominou o território europeu após a Primeira Guerra Mundial transformou a maternidade em valor social e dever patriótico” (Freire, 2008, p. 155) e também é uma questão que aparece nos escritos de Plínio Salgado, que entende que “a mulher tem uma grande missão educativa, intelectual e moral, directamente relacionada com a sua própria feminilidade” (Salgado, 1949, p. 36), ou seja, a mulher seria responsável por formar as crianças tanto intelectualmente quanto moralmente, nos ideais estabelecidos pelo Movimento Integralista Brasileiro.

Figura 7: Divulgação do início das aulas da Escola de Enfermagem da AIB.



Fonte: Jornal A Offensiva, 05/07/1936, p. 4.

Na área da educação, as plinianas eram responsáveis pela alfabetização, tanto de crianças e jovens quanto de adultos. Durante o período anterior às eleições de 1937, na qual Plínio Salgado é candidato à presidência, a valorização da alfabetização de adultos, principalmente das mulheres, tendo em vista que “o decreto do novo Código Eleitoral, publicado em 24 de fevereiro de 1932, acolheu o voto feminino sem condições excepcionais” (Marques, 2019, p. 109). No entanto, pessoas atingidas pelo analfabetismo ainda eram impedidas de votar e, dessa forma, as plinianas dedicaram-se à alfabetização, no período pré-eleições presidenciais de 1937.

Em sua tese, Márcia Carneiro entrevista homens e mulheres integralistas e, dentre eles, Maria Brito Silva, avó da autora, que participou das fileiras integralistas e relata sua experiência com a questão da educação relacionada ao voto no movimento.

Quando era lá no meio da semana, a gente dava uma aula para quem quisesse, a gente matriculava uma porção de gente. Lizete deu aula para um velhinho de 64 anos e o velho ainda votou. Ele disse: “Maior ideal da minha vida era votar! (Carneiro, 2007, p.169).

Figura 8: Escola de alfabetização sob responsabilidade do Departamento Feminino.

entes e curiosos que desejavam ouvir a palavra dos oradores integralistas. A reunião decorreu num ambiente de extraordinario entusiasmo. A media de inscrições novas em Araraquara tem sido de 80 a 100 por mez. Todas as secretarias e departamentos estão em perfeito funcionamento. Existe uma escola de alfabetização a cargo do Departamento Feminino, e um ambulatorio a cargo do Departamento de Assis-

Fonte: Jornal A Offensiva, 05/07/1936, p. 14.

A questão da educação objetivando o voto tinha base na concepção defendida pelo chefe integralista, que entendia que era responsabilidade da mulher mudar o destino da nação a partir do ensino baseado na doutrina integralista, ou seja, “totalmente controlada e seguindo os preceitos integralistas’ (Ferreira, 2016, p. 33) tanto para os próprios filhos quanto para outros indivíduos. Dessa forma, entendia que

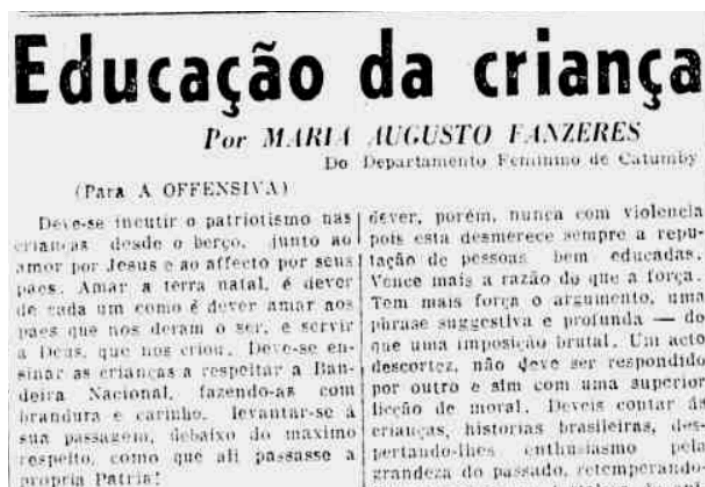
A mulher integralista tinha grande contribuição a dar na tarefa de educação da consciência nacional, isso era vinculado às senhoras e moças integralistas, encaminhando-se principalmente aos setores educacionais e assistenciais aos quais dispunham no Sigma (Bairros, 2013, p. 2).

Para além da alfabetização, as blusas-verdes atuavam ensinando economia doméstica, boas maneiras e datilografia. A economia doméstica, conforme Camila Parente da Costa defende no artigo desenvolvido para a II Jornada Interdisciplinar em História e Letras, desde a sua gênese possui uma associação com o gênero feminino, entendendo que as atividades desenvolvidas por quem se dedicava à área eram “consideradas femininas, exercidas dentro do âmbito doméstico” (Costa, 2017, p. 2). O ensino das boas maneiras diz respeito à instrução de comportamentos considerados adequados, possuindo forte apelo moral, principalmente dentro do contexto de um movimento conservador, que delimitava bem o lugar dos indivíduos, indicando seus espaços de acordo com o gênero e a idade. Sobre a datilografia, também era entendida como uma profissão feminina, se

estabelecendo em um contexto histórico em que “hordas de mulheres [...] ascenderam aos escritórios como datilógrafas e secretárias, [...] assim perpetuando a subordinação patriarcal das mulheres nessas profissões [...]” (Souza, 2021, p. 167).

Para além disso, as blusas-verdes também “eram oradoras, militantes ativas politicamente e escritoras em jornais como A Offensiva e o Monitor Integralista; e nas revistas Anauê e Brasil Feminino” (Bairros, 2013, p. 2). Dessa maneira, é possível encontrar textos que foram escritos pelas plinianas e publicados no Jornal A Offensiva, como é o caso da coluna elaborada por Maria Augusto Fanzeres, intitulado “Educação da Criança”. O texto desenvolvido pela blusa-verde aborda o ensino dos ideais integralistas, explicitando a necessidade de uma educação baseada no patriotismo (em passagens como “deve-se inculcar o patriotismo nas crianças desde o berço” e “[...] ensinar-lhe o Hymno ' Nacional como a oração da Pátria”), na valorização do passado brasileiro (como na frase “deveis contar às crianças, histórias brasileiras, despertando-lhes entusiasmo pela grandeza do passado”) e na religiosidade cristã (apresentada no trecho “deve-se inculcar [...] nas crianças desde o berço [...] o amor por Jesus [...])”).

Figura 9: Texto desenvolvido pela blusa-verde Maria Augusto Fanzeres para o Jornal A Offensiva.



Fonte: Jornal A Offensiva, 05/07/1936, p. 4.

As plinianas também participavam de eventos do movimento, podendo ser ativas em desfiles e passeatas.

Os desfiles começaram em São Paulo, e no dia 23 de setembro de 1933, os paulistas testemunharam a primeira marcha dos camisas-verdes, liderados por Gustavo Barroso, um dos líderes junto com Plínio Salgado e Miguel Reale, com bandeiras azuis nas mãos e diversos gritos de guerra. Tal característica se tornou uma das marcas da AIB, sendo repetida onde houvesse um núcleo integralista (Sepulveda, 2014, p. 4).

Assim como todos os eventos integralistas (casamentos, comícios, reuniões, etc), os desfiles e as passeatas possuíam caráter extremamente ritualizados e eram realizados, geralmente, em datas comemorativas ou consideradas importantes dentro do contexto do movimento. As fardas que davam o nome aos camisas-verdes e blusas-verdes eram obrigatórias nos desfiles e passeatas, sendo que, no caso plinianas, eram divulgadas pela SAFF. Também é importante apontar que os desfiles e passeatas serviam como forma de atrair novos adeptos para o movimento, conforme é possível observar na entrevista concedida por Gumercindo Rocha Dórea, na qual conta sua experiência em relação a esses eventos.

Normalmente numa cidade pequena, os garotos, as crianças, gostam de assistir os desfiles, desfile do tiro. E eu assistia o desfile da Ação Integralista Brasileira lá em Ilhéus. E certamente aquilo me emocionou, me deu

entusiasmo eu acabei ingressando na AIB, juntamente com outros garotos da mesma idade (Carneiro, 2007, p. 216).

Ainda, entendendo as mulheres como participantes essenciais da AIB, podemos encontrar, dentre as notícias do Jornal A Offensiva, anúncios de conferências voltadas para o público feminino, como é o caso da conferência apresentada pela autora Maria Eugenia Celso sobre a questão feminina em relação à ação social (Figura 9). Além disso, também podemos encontrar publicações que apontam para eventos voltados para o público feminino da Ação Integralista Brasileira, como congressos e conferências que contaram com o apoio da imprensa e da mídia (Figura 10).

Figura 10: Conferência de Maria Eugenia Celso, organizada pelo Curso Preparatório de Serviços Sociaes.



Fonte: Jornal A Offensiva, 18/07/1936, p. 2.

Figura 11: Congresso Nacional Feminino da Ação Integralista Brasileira.



Fonte: Jornal A Offensiva, 05/07/1936, p. 11.

Podemos perceber que a questão da atuação das mulheres na AIB é um tanto quanto controversa, pois as atividades desenvolvidas pelas plinianas podem ser entendidas, basicamente, de duas maneiras diferentes:

1. como uma extensão dos afazeres domésticos já realizados por elas no próprio lar com os próprios filhos, o que funcionaria, portanto, como um reforçador do papel feminino já estabelecido socialmente, além de ser impedidor de avanços dos direitos femininos;
2. como uma grande oportunidade de marcar presença, mesmo que de forma limitada/específica, no âmbito político em um movimento influente da época e em um período em que as mulheres feministas lutavam por direitos políticos e sociais.

Para discutir sobre essa questão, é necessário trazer à tona dois tópicos: as condições dos direitos femininos na década de 30 e o sentimento das blusas-verdes em relação à própria participação no movimento. De acordo com Ostos, as transformações políticas e sociais que marcaram a passagem dos anos 1920 para a década de 1930 possibilitaram uma maior inserção da mulher no âmbito público e, a partir disso, uma organização de mulheres feministas (Ostos, 2012, p. 316). Nesse

contexto, a principal vertente era a do Feminismo Liberal, objetivando acesso aos direitos políticos e à igualdade civil com forte caráter sufragista.

Uma das maiores lideranças desse movimento foi Bertha Lutz: com acesso ao meio acadêmico, a líder feminista fez parte de uma elite intelectualizada e, depois do contato com o sufragismo inglês durante o período em que estudou na Europa, fundou a Liga para a Emancipação Intelectual da Mulher — gênese da Federação Brasileira pelo Progresso Feminino (Brasil, 2015). Apesar de ser um movimento essencial no período, por possuir caráter liberal, era excludente em relação às mulheres de classes mais baixas, às mulheres negras/indígenas e às mulheres trabalhadoras (já que a interseccionalidade como método só passa a ganhar força a partir da década de 80 por influência de Lélia Gonzalez).

Nessas circunstâncias, mesmo com o direito ao voto, muitas mulheres continuaram sem poder participar das eleições, pois a questão da alfabetização ainda era um problema a ser contornado, o que acabou sendo um fator limitante para mulheres que não faziam parte das elites. Mesmo após a conquista do direito ao voto em 1932, as feministas continuaram reivindicando melhores condições políticas e sociais para o gênero e é nesse mesmo cenário em que as blusas-verdes se inserem. As mulheres de direita viam no Integralismo uma “forma de atuar em um partido, que no momento vigente possuía grande influência na política nacional” (Bairros, 2013, p. 4), apesar de terem a sua atuação limitada à atividades de ação social, ao magistério e à área da saúde. Apesar das “limitações”, as próprias blusas-verdes não aparentavam apresentar insatisfações justamente por entender que o papel da mulher possuía total relação com o lar e com atividades de cuidados. Falas como a de Maria Brito Silva, mulher integralista, demonstram um pouco do posicionamento das blusas-verdes em relação ao próprio papel nas fileiras do movimento:

Mulher deve ser, em primeiro lugar, dona de casa! Porque às vezes a pessoa perde o tempo com outras coisas, com programazinhos pequenos, com coisa sem importância, e a família fica desprezada. Eu acho que deve, em primeiro lugar, ser dona de casa, para depois ter mais alguma coisa (Carneiro, 2007, p. 172).

No entanto, também se faz necessário pensar que existem diversas formas de pensar e as blusas-verdes, como mulheres diversas, poderiam enxergar essas limitações de forma negativa, principalmente se levarmos em consideração que

muitas se inseriram dentro do movimento através dos homens da família (essencialmente maridos e pais). Também devemos levar o ponto trazido por Bairos (2013, p. 2), de que a possível motivação para a inserção da mulher no movimento era, exatamente, mantê-las afastadas das ruas, dos ideais feministas e da modernidade, já que esses ambientes eram considerados prejudiciais à moral feminina pelos conservadores. Apesar disso, é necessário perceber que o posicionamento político das mulheres de dentro do movimento integralista é válido, mesmo que pareça contraditório que elas tenham participado de “desfiles e comícios políticos para dizer para as mulheres que seus lugares era dentro do seio da família, cuidando dos filhos e do marido” (Ferreira, 2016, p. 124), pois a “mulher integralista tinha orgulho de ter participado ativamente na história do seu país, dentro das fileiras do integralismo” (Bairros, 2013, p. 3). Para além disso, precisamos apontar que o trabalho feminino não era totalmente proibido, mas para o líder integralista,

Assim como é lícito, e até um dever, em certas circunstâncias, que a mulher trabalhe fora do lar para auferir com virtude os meios de subsistência, também é lícito e, mais ainda, imperiosamente necessário que ela exerça eficiente ação social da família cristã (Salgado, 1949, p. 108).

Dessa maneira, entendemos que a atuação e militância feminina na AIB não foi um fator impedor de conquistas de direitos, podendo ser considerada até um diferencial que não era visto em outros setores mais progressistas da época, impactando na percepção e na extensão do papel da mulher. As mulheres tornam-se, em definitivo, como parte importante da estrutura política nacional. Os lares brasileiros tornar-se-ão, poucas décadas mais tarde, um campo de batalha ideológico no qual as mulheres terão papel importante, vide a Campanha da Mulher pela Democracia, no Rio de Janeiro, a União Cívica Feminina, em São Paulo, e a Cruzada Feminina no Estado de Pernambuco, todas essas culminando nas Marchas da Família com Deus Pela Liberdade.

Enfim, após a recomposição dos fragmentos jornalísticos encontrados no Jornal A Offensiva, podemos perceber que as notícias sobre a atuação feminina na AIB serviam como base para a construção da imagem da figura feminina no meio jornalístico como mãe, esposa e cuidadora, além de estar relacionada com uma missão educativa e, conseqüentemente, moral para com a nação (afirmando os ideais desenvolvidos por Plínio Salgado tanto em sua obra “A mulher no século XX”

quanto no documento fundador da AIB). Ainda, utiliza de algumas estratégias comunicativas como utilizar de nomes de locais, nomes próprios e datação para produzir efeitos de real e trazer validade ao que está sendo dito. Sobre a relação comunicativa e o “contrato cognitivo” que se desenvolve entre jornalista e leitor, podemos perceber que estão baseadas na ideia de objetividade do texto jornalístico, mas levando em consideração que

As notícias são fragmentos parciais de histórias e atores dos dramas e tragédias humanas contadas e recontadas diariamente, pontuadas de lacunas e hiatos de sentido que precisam ser permanentemente negociados pelo receptor no ato de leitura (Motta, 2005, p. 13).

Por fim, conseguimos localizar as metanarrativas, ou seja, os significados de fundo moral presentes nos textos que analisamos. Geralmente, os discursos jornalísticos se apresentam (ou tentam se apresentar) como imparciais, mas no caso do Jornal A Offensiva é explícito o seu posicionamento político, justamente por pertencer ao Sigma Jornais Reunidos, relacionados diretamente à Ação Integralista Brasileira. Dessa maneira, a narrativa ganha um fundo moral conservador, que pode até aceitar a presença da mulher no mercado de trabalho, desde que seja trabalhos considerados maternos (de cuidados e ensino) e reforçando o papel feminino de mãe e esposa como os mais essenciais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Enfim, buscamos, nesse trabalho, entender as opiniões e percepções do Chefe Integralista Plínio Salgado, sobre a mulher e percebemos que sua perspectiva foi marcada por ideais católicos e conservadores que estiveram presentes em sua vida desde a sua infância e, a partir desse lugar, ele escreve a obra “A Mulher no Século XX”, publicada no ano de 1949, e desenvolve os preceitos do Movimento Integralista no manifesto divulgado no ano de 1932, bem como as diretrizes deste quando transformado em partido político. Em relação à Ação Integralista Brasileira, a entendemos como movimento ideológico de caráter fascista, conservador e ultranacionalista e, por isso, atravessado por todas essas

características desde a sua fundação até o que diz respeito à atuação feminina dentro das fileiras integralistas.

A década de 1930 no Brasil foi marcada pelo crescimento industrial e pela inserção da mão de obra feminina por conta do aumento da demanda. Além disso, é um período em que os nervos dos conservadores ficam aflorados com a chegada da perspectiva feminista, trazida ao Brasil da Europa por mulheres da elite intelectual, como é o caso de Bertha Lutz, bióloga, educadora, diplomata e política, que é uma das representantes da vertente do feminismo liberal, que era vigente na década, além de ser conhecida até a atualidade por ter liderado grupos de mulheres da elite (Liga para a Emancipação Intelectual da Mulher e Federação Brasileira pelo Progresso Feminino) e por ser um ícone nas lutas por direitos políticos e sociais para as mulheres brasileiras.

Esse contexto também preocupa, especificamente, o meio católico, que chega a divulgar uma Carta Encíclica escrita pelo Papa Leão XIII, para tratar as questões que o comunismo poderia, efetivamente, afetar a partir de seus ideais e, por isso, a carta trata de temáticas relacionadas à luta de classes e a temática da família, sempre importante no contexto católico.

Entende-se que esse movimento feminista liberal não inclui mulheres de classes menos abastadas, tendo em vista que mesmo com a permissão do voto para as mulheres, existia um alto índice de de analfabetismo no Brasil na década de 1930 que atingia, essencialmente, pessoas pretas e pobres, mas se agravava se estivesse no papel de mulher. No entanto, faz-se necessário perceber que, apesar da falta de inclusão, o movimento foi importante e essencial para o avanço dos direitos das mulheres, que mais tarde seriam ainda mais expandidos a partir do surgimento da metodologia da interseccionalidade, entendendo que não apenas um fator social atinge os indivíduos, mas diversos, sendo alguns deles: raça, classe, idade e localização geográfica.

Também entendemos que a Ação Integralista Brasileira é marcada por contradições, como quando passa a ser um partido político, quando seu próprio líder rejeita a lógica partidária por entendê-la como divisora da nação, ou quando defende a permissão da atuação feminina no âmbito político mas a restringe a papéis considerados femininos, maternais e sensíveis, como a enfermagem, o magistério e o ensino de economia doméstica, e quando não era uma destas

atividades, as plinianas iam às ruas para divulgar para outras mulheres que o mais importante dos papéis exercidos por elas era o trabalho doméstico e maternalista.

Apesar das incoerências, percebemos que a AIB abriu espaço para que as blusas-verdes pudessem atuar no âmbito público, o que era algo que até mesmo as feministas liberais buscavam reivindicar. Além disso, as plinianas também tiveram a oportunidade de participar do processo político nas eleições de 1937, nas quais Salgado fazia parte dos candidatos à Presidência da República, não só através do voto concedido à população feminina a partir do ano de 1932, mas também por meio da alfabetização de homens e mulheres de classes mais baixas. Essa ação assistencialista estava baseada na noção da mulher como responsável pela moralização da nação através da educação, não apenas de seus filhos, mas também de indivíduos que necessitavam de ajuda, como pessoas carentes, órfãos, viúvas e população de rua.

Também observamos a forte influência da Igreja Católica sobre os ideais com os quais Plínio Salgado funda a Ação Integralista Brasileira, indo desde a percepção sobre o crescimento do comunismo (visto como ameaça a ser combatida), sobre o capitalismo (tido como sistema de caráter individualista) e até mesmo sobre a questão feminina: o principal papel a ser desempenhado pela mulher na sociedade deveria ser o de mãe, esposa e doméstica.

Percebe-se, também, que a concepção que de Salgado não está presente apenas em seus escritos, mas também nas atividades desenvolvidas pela AIB e conseguimos visualizar essa questão a partir da análise do jornal integralista *A Offensiva*, um dos muitos jornais que eram publicados pela imprensa do movimento criado por Plínio Salgado. Ainda, apresentamos a forma com que o movimento é marcado por um caráter ritualizado, apontando a partir da obra de Leandro Gonçalves e Odilon Neto, como se dava o processo do batizado dos plinianos dos quais os pais desejassem batizar, que envolvia o simbolismo do sigma e dos camisas-verdes, bem como ocorria nas cerimônias de casamentos e nos velórios e enterros de plinianos e plinianas.

Durante a análise da fonte, levamos em conta que a maior parte do jornal era escrito e desenvolvido por homens e, em poucos casos e poucos espaços, mulheres. Nos fragmentos observados pudemos entender como se dava os trabalhos concebidos pelas blusas-verdes, que se encaixavam perfeitamente nos

princípios estabelecidos por Plínio Salgado no Manifesto de Outubro de 1932, documento que marca o surgimento do Integralismo como movimento de ideais.

Assim como nos textos desenvolvidos pelo seu líder, as plinianas estavam envolvidas com atividades relacionadas à educação, saúde e assistencialismo, pois eram tidas como trabalhos de caráter feminino e maternal. Além disso, também questionamos a temática do amor materno como inato, passando a entender que este é construído a partir da convivência entre mães e filhos, baseando-nos no texto de Elisabeth Badinter. Por fim, também apontamos a noção da submissão feminina baseada nos ideais da Igreja Católica, além de questionar a base bíblica para tal perspectiva, entendendo que até as Escrituras consideradas sagradas pelos cristãos, foram escritas por homens que foram influenciados.

REFERÊNCIAS

AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**. São Paulo, SP: Pólen, 2019. 150 p.

ALMEIDA, Luisa Guerra de. **Mulheres Fascistas: A Atuação Feminina na Ação Integralista Brasileira** por meio do Jornal A Offensiva. Guarulhos, 2022. Monografia (Trabalho de Conclusão em História) – Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade Federal de São Paulo.

ALVES, Samuel da S. GRAEBIN, Cleusa Maria Gomes. A marginalização do Rio Grande do Sul em discurso de Leonel de Moura Brizola (1961). **Albuquerque: Revista de História**, v. 8, n. 15, p. 157-173, 2016.

AZZI, Riolando. O fortalecimento da restauração católica no Brasil (1930-1940). **Síntese: Revista de Filosofia**, v. 6, n. 17, 1979.

BADINTER, Elisabeth. **Um amor conquistado: o mito do amor materno**. Rio de Janeiro, RJ: Nova Fronteira, 2009.

BAIROS, Lilian Tavares. **O Integralismo de Saia: Militância Feminina nas fileiras integralistas em Santos**. Seminário Internacional Fazendo Gênero 10 (Anais Eletrônicos), Florianópolis, 2013.

BALANCO, Paulo. PINTO, Eduardo Costa. Os anos dourados do capitalismo: uma tentativa de harmonização entre as classes. **Pesquisa & Debate**. v. 18, n. 1, p. 27-47.

BARBOSA, Jefferson Rodrigues. A Ascensão da Ação Integralista Brasileira (1932-1937). **Revista de Iniciação Científica da FFC**. v. 6 n. 1 p. 67-81, 2006.

BÍBLIA. Português. Tradução de João Ferreira de Almeida. São Paulo: Editora Hagnos, 2016. 1951 p.

BARR, Beth Allison. **The Making of Biblical Womanhood**. 1st ed. Washington, DC: Brazos Press, 2021.

BRASIL, Senado Federal. **Bertha Lutz**. Sítio Eletrônico. 2015. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/entenda-o-assunto/bertha-lutz>. Acesso em 05 mar. 2024.

BRUSANTIN, Beatriz de Miranda. **Anauê Paulista: um estudo sobre a prática política da primeira cidade integralista do estado de São Paulo. (1932-1943)**. Dissertação. 2004. 212f. Dissertação (Mestrado em História). Programa de Pós-Graduação da Universidade Estadual de Campinas. Campinas-SP, 2004.

BULHÕES, Tatiana da Silva. **“Evidências esmagadoras de seus atos”**: fotografias e imprensa na construção da imagem pública da Ação Integralista Brasileira (1932-1937). Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal Fluminense, Niterói - RJ, 2007.

CARNEIRO, Márcia Regina da Silva Ramos. **Do sigma ao sigma: entre a anta, a águia, o leão e o galo: a construção de memórias integralistas**. Tese (Doutorado em História). Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal Fluminense, Niterói - RJ, 2007.

CARNEIRO, Sueli. Mulher Negra. **Cadernos Geledés**, São Paulo, SP, 1993.

CASTRO, Laura de. **Política, cultura e sociedade na contemporaneidade**. UNIFAP Editora, p. 34-55, 2018.

CAVALARI, Rosa Maria Feiteiro. **Integralismo: ideologia e organização de um partido de massa no Brasil**. Bauru: Edusc, 1999.

COLLING, Ana Maria. **Tempos Diferentes, Discursos Iguais: A Construção Histórica Do Corpo Feminino**. Dourados: UFGD, 2014.

COSTA, Camila Parente. O Livro do Lar: A economia doméstica como proposta de educação para as mulheres brasileiras em meados do século XX. **Anais das Jornadas Interdisciplinares em História e Letras**. Ceará, 2017.

FEDERICI, Silvia. **O Ponto Zero da Revolução: trabalho doméstico, reprodução e luta feminista**. São. Paulo: Elefante, 2018.

FERRAZ, Maria de Fátima Gomes. **O papel da mulher na política brasileira: o processo da conquista ao voto feminino no Rio Grande do Norte em 1927**. Trabalho de Conclusão de Curso (História) - Escola de Formação de Professores e Humanidades, PUC Goiás. Goiás, 2020.

FERREIRA, Helisangela Maria Andrade. **As Plinianas de Pernambuco: o cotidiano das mulheres na Ação Integralista Brasileira (1932-1938)**. 2016. 169 f. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em História) - Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife.

FREIRE, Maria Martha de Luna. 'Ser mãe é uma ciência': mulheres, médicos e a construção da maternidade científica na década de 1920. **História, ciências, saúde-Manguinhos**, v. 15, p. 153-171, 2008.

GONÇALVES, Leandro Pereira; NETO, Odilon Caldeira. **O fascismo em camisas verdes: do integralismo ao neointegralismo**. Editora FGV, 2020.

_____. PIMENTA, Everton. Fernando. Os camisas-verdes em Minas Gerais: o integralismo em São João del-Rei e o caso de Tancredo Neves. **Estudos Ibero-Americanos**, v. 47, n. 3, 2021.

GREGOLIN, Maria do Rosário V. A Análise do Discurso: Conceitos e aplicações. **Alfa**, São Paulo, 39: p. 13-21, 1995.

GUERRA, Vânia Maria L. A Análise do Discurso de linha francesa e a pesquisa nas ciências humanas. An. **Sciencult**, v. 1, n. 1, Paranaíba, 2009.

HOOKS, Bell. **O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2019.

LEAL, Carine de Souza. **Imprensa Integralista (1932-1937): propaganda ideológica e imprensa partidária de um movimento fascista no Brasil dos anos 30**. Porto Alegre, 2006. Monografia (Trabalho de Conclusão em Jornalismo) – Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Campinas: Ed. da Unicamp, 1990.

LIMA, Raquel dos Santos S.. TEIXEIRA, Igor Salomão. Ser mãe: o amor materno no discurso católico do século XIX. **Revista de Estudos de Teologia e Ciências da Religião**, v. 6, n. 12, 2008.

LIMA, Sandra Lúcia Lopes. Imprensa Feminina, Revista Feminina: A Imprensa Feminina no Brasil. **Projeto História**, n. 35, p. 221-240, 2007.

MALUF, Marina; MOTT, Maria Lúcia. Recônditos do mundo feminino. *In*: SEVCENKO, N. (org.) **História da Vida Privada no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

MARQUES, Teresa Cristina N.. **O Voto Feminino no Brasil**. Brasília, Edições Câmara, 2 ed., 2019.

_____. MELO, Hildete Pereira de. Os direitos civis das mulheres casadas no Brasil entre 1916 e 1962 ou como são feitas as leis. **Estudos Feministas**, v. 16, n. 2, p. 463-488, 2008.

MOTT, Maria Lúcia. Maternalismo, políticas públicas e benemerência no Brasil (1930-1945). **Cadernos Pagu**, v. 16, p. 199-234, 2001.

MOTTA, Luiz Gonzaga. Análise pragmática da narrativa jornalística. **Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**. Intercom, 2005. p. 05-09.

MOREIRA, Danilo Sorato O. **Comunista? O diabo? O imaginário anticomunista do Jornal A Palavra (1930-1933)**. *In*: Bastone, Paula, REIS Marcos Vinícius.

OLIVEIRA, Paula de Sousa. **Deus, pátria e família: permanências e distanciamentos do discurso integralista nas falas de Jair Bolsonaro em 2022**. 24 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em História) — Universidade de Brasília, Brasília, 2023.

NASCIMENTO, Beatriz. A mulher negra no mercado de trabalho. *In*. RATTS, Alex. **Eu sou atlântica: sobre a trajetória de vida de Beatriz Nascimento**. 1. ed. São Paulo: Instituto Kuanza, 2007.

NEVES, Lucas Vieira Baeta. A fotografia como documento histórico. **Em Tempo de Histórias**, n. 8, p. 1-11, 2004.

OLIVEIRA, Rodrigo Santos de. **Imprensa integralista, imprensa militante (1932-1937)**. 2009. 388 f. Tese (Doutorado em História) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise de Discurso: princípios e procedimentos**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2005.

OSTOS, Natascha Stefania C.. A questão feminina: importância estratégica das mulheres para a regulação da população brasileira. **Cadernos Pagu**, n. 39, p. 313-343, 2012.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. 2. ed. Campinas: Ed. Unicamp, 1995.

PIRES DA SILVA, Leandro Ratton. Deus, Pátria e Família: Integralismo e Catolicismo em Belo Horizonte. **Horizonte - Revista de Estudos de Teologia e Ciências da Religião**, v. 8, n. 16, p. 166-167, 30 mar. 2010.

PERROT, Michelle. **As Mulheres ou os Silêncios da História**. 1 ed. São Paulo: Edusc, 2005.

RAMIRES, Yuri P.. VELASCO, Juliana. **Jornalismo de Moda: Análise da coluna Glamour em Foco da Revista Vogue Brasil**. XIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Centro-Oeste. Cuiabá, 2011.

SALGADO, Plínio. **A Mulher no século XX**. 3. ed. São Paulo: Guanumby, 1949.

_____. **Manifesto de Outubro de 1932**. São Paulo, 1932.

SCOTT, Joan. **Gênero: Uma Categoria Útil para a Análise Histórica.** Traduzido pela SOS: Corpo e Cidadania. Recife, 1990.

SEPULVEDA, José Antonio. O Projeto Integralista. **Revista Encontros com a Filosofia.** Ano 2, n. 2, abr. 2014.

SILVA, Luciandra Gonçalves da. **Sob o símbolo da cruz: questão social, família e educação nas relações entre Estado e Igreja no Brasil (1930-1945).** 2010. 147 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010.

SILVA, Giselda Brito. **A Ação Integralista Brasileira em Pernambuco (AIB-PE): 1932-1938.** Recife: Dissertação de Mestrado, UFPE, 1996.

_____. Integralismo. In: SILVA, Francisco Carlos Teixeira.

SCHURSTER, Karl. MAYNARD, Dilton Santos Cândido (org.) **Novo Dicionário Crítico do Pensamento das Direitas: ideias, personagens e instituições.** 2 ed. Recife: EDUPE, 2022, p. 629-635.

SILVA, Nelson da. **A família como célula mater, uma visão a partir da doutrina social da Igreja.** Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Teologia) - Faculdade de Teologia da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2019.

SIMÕES. Renata Duarte. Nem só mãe, esposa e professora: os múltiplos campos de atuação da mulher militante integralista. **Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH.** São Paulo, 2011.

SOARES, Ana Caroline Eiras C.. “O menu de meu marido”: narrativas visuais, história e práticas de gênero na revista feminina (1914-1936). **Hist. R.**, v. 19, n. 2, p. 27-53, 2014.

SOUZA, Karine Freitas. Engrenagens e extensões do corpo feminino: a mulher ciborgue no trabalho. **Revista de Gestão e Secretariado**, v. 12, n1, p. 160-177, 2021.

STEPHANOU, Alexandre Ayub. **Censura no Regime Militar e militarização das artes**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.

TRINDADE, Hélió. **Integralismo: o fascismo brasileiro da década de 30**. 2. ed. Porto Alegre: Difel/UFRGS, 1979.

VERSIANI, Flávio. SUZIGAN, Wilson. O processo brasileiro de industrialização: uma visão geral. **X Congresso Internacional de História Econômica**, Louvain, 1990.